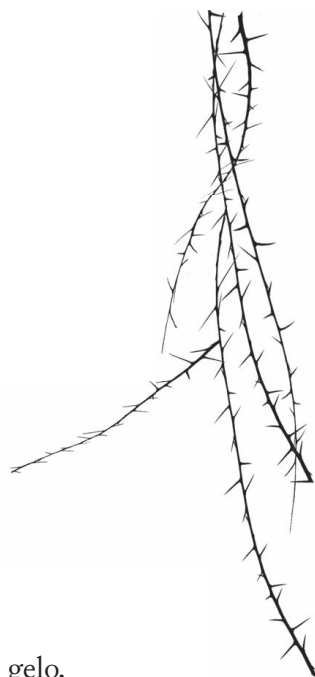


CAPÍTULO 1



A floresta tinha se tornado um labirinto de neve e gelo.

Eu monitorava os limites dos arbustos havia uma hora, e meu ponto de vantagem na concavidade de um galho de árvore perdera a utilidade. O vento forte soprava montes espessos de neve que varriam minhas pegadas, mas enterravam com elas qualquer sinal de possíveis pedras.

A fome tinha me levado mais longe de casa do que eu normalmente ousava, mas o inverno era uma época difícil. Os animais tinham se retirado, entrado mais profundamente no bosque do que eu poderia segui-los, e a mim restava caçar os desgarrados, um a um, rezando para que durassem até a primavera. Não tinham durado.

Passei os dedos dormentes nos olhos, afastando os flocos que se agarravam aos cílios. Aqui, não havia troncos de árvores sem casca, evidência da passagem de cervos — eles ainda não tinham seguido em frente. Permaneceriam até que as cascas acabassem, e então viajariam para o norte, além do território dos lobos, e talvez para as terras feéricas de Prythian — onde nenhum mortal ousaria pisar, a não ser que tivesse o desejo de morrer.

Um calafrio percorreu minha coluna quando pensei nisso, e afastei a sensação, me concentrando nos arredores, na tarefa à frente. Era tudo o que eu podia fazer, tudo o que tinha conseguido fazer havia anos: me concentrar em sobreviver à semana, ao dia, à próxima hora. E agora, com

a neve, teria sorte se visse qualquer coisa àquela altura — principalmente da minha posição no alto da árvore. Eu mal conseguia ver 4 metros adiante. Contendo um resmungo quando braços e pernas enrijecidos protestaram contra o movimento, afrouxei o arco antes de descer da árvore.

A neve dura estalou sob minhas botas desgastadas, e trinquei os dentes. Visibilidade ruim, barulho desnecessário — eu estava a caminho de mais uma caçada infrutífera.

Restavam apenas algumas horas de luz do dia. Se eu não partisse logo, precisaria encontrar o caminho de casa no escuro, e os avisos dos caçadores da aldeia ainda pareciam frescos em minha mente: lobos gigantes estavam à espreita, e muitos deles. Sem falar dos boatos de um povo estranho avistado na área, alto e sinistro e mortal.

Qualquer coisa, menos feéricos, suplicavam os caçadores a nossos deuses, havia muito esquecidos; e eu rezava em segredo ao lado deles. Nos oito anos em que morávamos em nossa aldeia, a dois dias de viagem da fronteira imortal de Prythian, tínhamos sido poupados de um ataque — embora caixeiros-viajantes às vezes contassem histórias de aldeias afastadas da fronteira reduzidas a lascas e ossos e cinzas. Esses relatos, certa vez raros o bastante para serem ignorados pelos anciões da aldeia como boatos, tinham, mais recentemente, se tornado sussurros constantes em todos os dias de feira.

Eu arriscara muito ao entrar tanto na floresta, mas tínhamos acabado com o pão no dia anterior, e o restante da carne-seca, no dia anterior àquele. Mesmo assim, eu preferiria passar outra noite com fome a satisfazer o apetite de um lobo. Ou de um feérico.

Não que houvesse muito de mim para se banquetear. Eu tinha ficado esquelética a essa altura do ano e podia contar muitas das costelas. Andando o mais ágil e silenciosamente que podia entre as árvores, pressionei a mão contra a barriga vazia e dolorida. Sabia qual expressão estaria estampada nos rostos de minhas duas irmãs quando eu voltasse para nosso chalé de mãos vazias mais uma vez.

Depois de alguns minutos de busca cuidadosa, eu me agachei em um aglomerado de arbustos espinhentos cobertos de neve. Em meio aos espinhos, tinha uma vista relativamente decente de uma clareira e do pequeno riacho que fluía por ela. Alguns buracos no gelo sugeriam que

ainda era frequentemente usado. Com sorte, alguma coisa passaria. Com sorte.

Suspirei pelo nariz, enterrando a ponta do arco no chão, e apoiei a testa contra a curva tosca da madeira. Não duraríamos mais uma semana sem comida. E famílias demais já haviam começado a implorar para que eu confiasse na caridade do povo mais rico da aldeia. Testemunhara em primeira mão até que ponto, exatamente, ia tal caridade.

Eu me posicionei mais confortavelmente e acalmei a respiração, fazendo esforço para ouvir a floresta por cima do vento. A neve caía e caía, dançando e rodopiando, como um nevoeiro faiscante, o branco era fresco e limpo contra o marrom e o cinza do mundo. E, apesar de não querer, apesar de ter braços e pernas dormentes, silencieei aquela parte inquieta e maligna de minha mente a fim de observar o bosque coberto pelo véu de neve.

Houve um tempo em que para mim era instintivo desfrutar o contraste da grama nova contra o solo escuro e revirado, ou um broche de ametista aninhado em dobras de seda esmeralda; houve um tempo em que eu sonhava e respirava e pensava em cores e luzes e formas. Às vezes eu até mesmo me permitia sonhar com o dia em que minhas irmãs estariam casadas e seríamos apenas papai e eu, com comida o suficiente para todos, dinheiro o bastante para comprar tinta, e tempo o bastante para colocar aquelas cores e formas em papel, ou tela, ou nas paredes do chalé.

Um sonho que provavelmente não aconteceria tão cedo — talvez nunca. Então, me restava roubar um momento como aquele, admirar o brilho da luz pálida do inverno sobre a neve. Não conseguia me lembrar da última vez que tinha parado a fim de admirar qualquer coisa linda ou interessante.

Horas de ócio em um celeiro decrepito com Isaac Hale não contavam; aquelas horas eram vorazes e vazias, e às vezes cruéis, mas nunca lindas.

O vento uivante se transformou em um suspiro baixo. A neve passou a cair preguiçosamente, em punhados grandes e gorduchos que se acumulavam em cada fresta e protuberância das árvores. Hipnotizante — a beleza letal e suave da neve. Eu me encolhi diante do pensamento de

precisar voltar para as estradas lamacentas e congeladas da aldeia, para o calor abafado de nosso chalé.

Arbustos farfalharam na clareira. Sacar o arco foi uma questão de instinto. Olhei entre os espinhos e prendi o fôlego.

A menos de trinta passos estava uma pequena corça, ainda não muito magricela devido ao inverno, mas desesperada o suficiente para arrancar a casca de uma árvore na clareira.

Uma corça como aquela poderia alimentar minha família durante uma semana ou mais.

Minha boca se encheu d'água. Silenciosa como o vento que ciciava entre as árvores mortas, mirei.

Ela estava tão distraída, tão alheia ao fato de que a própria morte esperava a metros de distância. A corça continuou rasgando tiras de casca, mastigando devagar.

Eu poderia secar metade da carne, e nós poderíamos imediatamente comer o restante — ensopados, tortas... A pele poderia ser vendida, ou talvez transformada em roupa para uma de nós. Eu precisava de botas novas, mas Elain precisava de um manto novo, e Nestha queria qualquer coisa que fosse de outra pessoa.

Meus dedos tremiam. Tanta comida — que salvação. Inspirei para me acalmar, verificando a mira mais uma vez.

Mas havia um par de olhos dourados brilhando nos arbustos adjacentes.

A floresta ficou em silêncio. O vento morreu. Até a neve parou.

Nós mortais não tínhamos mais deuses para quem rezar, mas, se eu soubesse seus nomes perdidos, teria rezado. Para todos eles. Escondido no arbusto, o lobo se aproximou, o olhar fixo na corça distraída.

Era enorme — do tamanho de um pônei. Minha boca secou. Era um dos imensos lobos sobre os quais eu fora avisada.

Jamais tinha visto um tão grande; e, mesmo assim, ele permanecia despercebido pela corça. Se era de Prythian, se era, de alguma forma, feérico, então virar comida era a menor de minhas preocupações. Se ele era feérico, eu já deveria estar correndo.

Mas, talvez... talvez fosse um favor ao mundo, a minha aldeia, a mim mesma, matá-lo enquanto eu estava oculta. Atravessar uma flecha em seu olho não seria um problema.

Mas, apesar do tamanho, ele *parecia* um lobo, se movia como um lobo. *Animal*, assegurei a mim mesma. *Apenas um animal*.

Eu tinha uma faca de caça e três flechas. As duas primeiras eram comuns — simples e eficientes, mas que provavelmente não seriam mais que picadas de abelha para um lobo daquele tamanho. Mas a terceira flecha, a mais longa e mais pesada, eu comprara de um caixeiro-viajante durante um verão em que tínhamos cobre suficiente para alguns luxos. Uma flecha entalhada de freixo, armada com uma ponta de ferro.

Todos sabiam que os feéricos odiavam ferro, mas era a madeira do freixo que fazia com que sua magia curadora e imortal falhasse por tempo suficiente para que um humano lhes desse um golpe mortal. Pelo menos era o que diziam os boatos. A única prova que tínhamos da eficácia do freixo era a raridade da madeira. Eu estudara desenhos das árvores, mas nunca vira uma com meus olhos — não depois que os Grão-Feéricos as tinham queimado, há muito tempo. Então, restavam poucas, a maioria pequena e retorcida, e escondida pela nobreza em bosques murados. Passei semanas depois da compra debatendo se aquele pedaço excessivamente caro de madeira tinha sido um desperdício de dinheiro, e, durante três anos, a flecha de freixo ficara aguardada, inutilizada, na aljava.

Agora, eu rapidamente a sacava, contendo os movimentos ao mínimo, eficientemente — qualquer coisa para evitar que aquele lobo monstruoso olhasse em minha direção. A longa flecha era pesada o bastante para causar dano — poderia matar o lobo se eu mirasse direito. Se eu abatesse o lobo, a corça fugiria. Se eu abatesse a corça, o lobo iria atrás do meu pescoço ou da carcaça — e destruiria quantidades preciosas de pele e gordura.

Meu peito ficou tão apertado que doeu. E, naquele momento, percebi que minha vida se reduzia a uma pergunta: o lobo estava sozinho?

Segurei o arco e puxei ainda mais a corda. Eu era boa de tiro, mas jamais enfrentara um lobo. Achei que isso me tornava sortuda — até mesmo abençoada. Mas agora... Não sabia onde acertar ou com que velocidade eles se moviam. Não podia correr o risco de errar. Não quando só tinha uma flecha de freixo.

E se houvesse, de fato, o coração de um feérico batendo sob aquele pelo, então, que morresse. Que morresse depois de tudo o que aquele

povo fizera conosco. Eu não correria o risco de que ele espreitasse nossa aldeia mais tarde, atrás de massacrar e aleijar e atormentar. Que morresse ali e naquele momento. Eu ficaria feliz em acabar com ele.

O lobo se esgueirou mais para perto, e um galho se partiu sob uma das patas — cada uma maior que minha mão. A corça ficou rígida. Ela olhou para os dois lados, os ouvidos se esticando na direção do céu cinzento. Com o lobo abaixado a favor do vento, a corça não podia vê-lo nem sentir seu cheiro.

A cabeça do lobo pendeu, e o enorme corpo prateado do animal — tão perfeitamente camuflado na neve e nas sombras — se equilibrou sobre as ancas. A corça ainda olhava na direção errada.

Desviei minha atenção da corça para o lobo e, então, de volta. Pelo menos ele estava sozinho — pelo menos nisso eu fora poupada. Mas, se o lobo assustasse a corça, só me restaria um lobo imenso e faminto — possivelmente um feérico — procurando pela segunda melhor refeição. E se ele a matasse...

Se eu calculasse errado, minha vida não seria a única a ser perdida. Mas minha vida havia sido reduzida a nada além de riscos nos últimos oito anos em que eu caçava no bosque, e eu fazia a escolha certa na maioria das vezes. Na maioria das vezes.

O lobo disparou dos arbustos em um lampejo de cinza, branco e preto, as presas amarelas reluzindo. Era ainda mais colossal exposto, uma maravilha de músculos, velocidade e força bruta. A corça não tinha chance.

Disparei a flecha de freixo no lobo antes que ele destruísse mais a caça.

A flecha encontrou o alvo em um dos flancos do lobo, e podia jurar que o próprio chão estremeceu. O lobo uivou de dor, soltando o pescoço da corça conforme o próprio sangue espirrou na neve — reluzente como rubi.

O lobo se voltou para mim, aqueles olhos amarelos arregalados, os pelos do pescoço arrepiados. Seu grunhido baixo ressoou no buraco vazio de meu estômago quando fiquei de pé, a neve se revirando ao meu redor, com outra flecha preparada.

Mas o lobo apenas... me olhou, a mandíbula manchada de sangue, minha flecha de freixo despontando, banal, de seu flanco. A neve reco-

meçou a cair. O lobo *olhou*, e com um tipo de atenção e de surpresa que me fizeram disparar a segunda flecha. Só por precaução — para o caso de aquela inteligência ser do tipo imortal, malicioso.

Ele não tentou desviar da flecha quando ela perfurou facilmente o olho amarelo e arregalado.

Cor e escuridão giraram, como um redemoinho em minha visão, misturando-se à neve.

O lobo desabou no chão.

Suas patas estremeciam, e um gemido baixo cortou o vento. Impossível — ele deveria estar morto, não morrendo. A flecha atravessou o olho do lobo quase até a ponta de penas de ganso.

Mas lobo ou feérico, não importava. Não com aquela flecha de freixo enterrada no flanco. Mesmo assim, minhas mãos tremeram quando afastei a neve do caminho e me aproximei dele, ainda mantendo uma boa distância. Sangue jorrava dos ferimentos que eu causara, manchando a neve de carmesim.

O lobo batia com a pata no chão, a respiração já mais lenta. Será que sentia muita dor, ou o choro era apenas uma tentativa de afastar a morte? Eu não tinha certeza se queria saber.

A neve girou ao nosso redor. Encarei o lobo até que aquele manto de carvão, obsidiana e marfim parasse de se elevar e descer. Lobo — definitivamente apenas um lobo, apesar de seu tamanho.

O aperto em meu peito diminuiu, e meu fôlego se condensou diante de mim quando suspirei. Pelo menos a flecha de freixo tinha se provado letal, independentemente de quem e o que ela abatesse.

Uma avaliação rápida da corça indicou que eu só podia carregar um animal; e mesmo isso seria difícil. Mas era uma pena deixar o lobo.

Embora tivesse desperdiçado minutos preciosos — minutos durante os quais qualquer predador poderia sentir o cheiro do sangue fresco — tirei a pele do lobo e limpei as flechas o melhor que pude.

Pelo menos aqueceu minhas mãos. Enrosquei o lado sangrento da pele sobre o ferimento mortal da corça antes de jogá-la por cima do ombro. Nosso chalé ficava a alguns quilômetros dali, e eu não precisava de um rastro de sangue atraindo todos os animais com presas e garras diretamente até mim.

Grunhindo devido ao peso, peguei as pernas da corça e dei uma última olhada para a carcaça fumegante do lobo. O olho dourado que lhe restava encarava o céu, agora carregado de neve, e, por um momento, desejei ter a capacidade de sentir remorso pela coisa morta.

Mas aquilo era a floresta, e era inverno.